

TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Antonio Carlos da Silva¹

Antes de analisar minha trajetória acadêmica quero fazer uma análise das linhas filosóficas adotados pelo Brasil nos processos educativos para depois discorrer sobre minha trajetória.

Nas décadas de 70 e 80 a filosofia da educação brasileira estava sustentada pela antropologia hobbesiana, a qual afirma que o homem não é sociável e é mau por natureza (o homem é lobo do próprio homem). Então, necessita-se de uma autoridade forte para evitar que se rompa com as organizações sociais. Nesse sistema a escola tem o papel de, além de informar como é o mundo, forjar o caráter ou personalidade - não cabe aqui debater a diferença entre um e outro - do aluno. Portanto, é uma escola formativa que forma intelectual e moralmente o aluno. Esse sistema tende para a educação tradicional. Pois, Thomas Hobbes aceitava a tradição criacionista. Para o criacionismo o mundo não se altera. As coisas nascem, crescem e morrem num processo imutável.

Com abertura política, em meados da década de 80, ocorreu a tendência do sistema de educação migrar para um sistema informativo, sustentado pela antropologia rousseuniana, a qual afirma que o homem é bom por natureza. É a sociedade que o corrompe. Então, não há necessidade de uma autoridade forte, mas apenas de um “facilitador” que desperte no coração bondoso do aluno a vontade de estudar. Nesse sistema o papel da escola deixa de ser formativo e passa apenas a informar aos estudantes como o mundo é. Embora Jean Jacques Rousseau siga uma tradição criacionista, a sua filosofia foi mesclada com o evolucionismo darwiniano através da aplicação do método dialético de Marx, como mostra o quadro abaixo, retirado da página 19, da apostila Metodologia do Ensino Superior da professora Maira Luiza Arruda de Almeida Serra.

Quadro 1 – Etapas da Abordagem Metodológica

PONTO DE PARTIDA	X	PONTO DE CHEGADA
PRÁTICA	TEORIZAÇÃO DA PRÁTICA	RETORNO À PRÁTICA
CONCRETA	ABSTRATA	CONCRETO PENSADO
ANALISE DA REALIDADE	ENTENDIMENTO DA SUA LÓGICA E MOVIMENTO	TRANSFORMAÇÃO
TESE	ANTÍTESE	SÍNTESE

Fonte: Elaboração própria

Vê-se que o quadro acima é um sistema antitético no qual tudo começa com a realidade sensível à qual se contrapõe a realidade inteligível, retornando-se à realidade sensível para mudá-la. Claude Levi-Strauss chamou esse movimento de Estruturalismo, que é uma aplicação do Método Dialético de Karl Marx. Essa união Rousseau/Marx gerou a chamada tendência progressista de educação.

A minha educação no fundamental e no médio foi totalmente formativa. Portanto, foi uma educação tradicional. No superior, existia uma nebulosa tradicionalista com toques progressista. Alguns professores eram da escola antiga e outros, mais jovem, esforçavam-se para se ajustarem às novas tendências da abertura política e educacional.

Penso que a escola progressista fez, ou pelo menos tentou fazer, uma revolução copernicana na educação. No sistema ptolomaico (geocentrismo) o sujeito estava fixo na terra e o sol circulando ao seu redor. Copérnico (heliocentrismo) inverteu essa relação sujeito/objeto. Fixou o objeto e colocou o sujeito em movimento. Paralelamente, na escola tradicional os alunos fazem uma elipse ao redor do professor e na escola progressista ocorreu uma inversão, os professores circundam ao redor do aluno.

Embora eu seja um dialético, dois problemas eu vejo com a chamada escola progressista. Primeiro é que alguns professores usam o discurso participativo (progressista) como forma de se eximirem de responsabilidades. E, segundo, como o aluno passou a ser o centro das atenções, muitos pensam que podem tudo e deixam de cumprir com suas obrigações. Deram ênfase aos direitos e negligenciaram as obrigações. O que era liberdade ser tornou libertinagem. Isso tem reflexos drásticos nas universidades. Pois, não são poucos os alunos que chegam à

universidade sem saber ler e escrever, literalmente. Sei que estou sendo reducionista e simplista com essa análise. Pois, existem outras variáveis que ajudam para essa hecatombe na educação brasileira. Mas, para analisar todas as variáveis necessitaria fazer uma monografia sobre a educação brasileira.

Sou professor universitário e procuro trabalhar de forma mais progressista possível. Algumas vezes sou tradicionalista, principalmente na forma de avaliação. Faço alguns trabalhos em sala, mas conservo a avaliação “bancária”², tão criticada por Paulo Freire. Mas, é muito diferente trabalhar com uma turma de 60 a 80 alunos e trabalhar com uma turma de 20 a 30 alunos. O número de alunos em sala é uma variável, a qual eu não me referi no parágrafo anterior, que contribui para o caos educativo. Essa variável é determinante na forma de avaliação.

Sei que não existe isenção na educação. Mas, luto para ser o mais isento possível no processo educativo dos alunos. Procuro não dar a minha opinião nas aulas e sempre afirmo: “As crenças e a opinião do professor não tem relevância para o aprendizado de vocês”. De certa forma é um discurso vazio, visto que não existe educação desinteressada. Pois, por trás de qualquer ementa de um plano de ensino está o interesse da pessoa ou grupo que a fez. E o professor, embora não possa alterar ementa, tem autonomia para trabalhar os temas que atendam à ementa. Então, o professor escolhe esses temas de estudo de acordo com suas crenças e interesses.

LEM (BA), 10/02/2011

¹ Professor da Faculdade Arnaldo Horácio Ferreira (FAAHF) de Luis Eduardo Magalhães, Bahia. Especialização em Filosofia do Direito. Mestrado em Ciência Cognitiva e Filosofia da Mente.

² O professor deposita informações no aluno e num dado momento saca parte dessas informações.